

CAIXA DE BATIDA: CONSTRUINDO OBJETOS SONOROS PARA AÇÃO.

RICARDO ZIGOMÁTICO PEREIRA TEIXEIRA¹
; JOÃO CARLOS MACHADO³

¹Universidade Federal de Pelotas1 – ricardozigomatico@gmail.com 1

³ Universidade Federal de Pelotas1 – chicomachado08@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

A pesquisa parte da investigação POÉTICA sobre as relações entre música, sonoridade e artes visuais presentes numa produção plástica que lança mão de linguagens e meios distintos, envolvendo aparelhos sonoros e performance. O argumento propõe a existência de um lugar do fazer artístico situado entre esses diversos meios, onde o trânsito e as trocas entre eles se tornam possíveis, permitindo um olhar que parte tanto da especificidade de cada um como das questões que estão situadas entre eles ou, ainda, além deles.

São nestas condições que ocorrem os desdobramentos entre o fazer material e a imaterialidade das ideias ou considerações intelectuais ligadas a eles, possibilitando passagens das operações técnicas para as operações conceituais. A pesquisa segue o processo de criação dos trabalhos para ordenar e analisar a complexidade e a multiplicidade presentes no entrecruzamento de noções e práticas da música, das artes visuais, do objeto, da escultura, do teatro e da performance. Para tanto, é necessário trazer abordagens próprias de cada uma destas áreas, aproximando-as e comparando-as, na medida em que a produção prática pertencente ao corpo da pesquisa demandar.

2. METODOLOGIA

Geralmente quando eu leio uma dissertação de mestrado, noto que ela começa sobre a história do assunto que ela vai tratar, mas isso me estranha por que essa história já me foi ensinada na graduação ou de outras formas. Eu não preciso testar os conhecimentos gerais de quem está entrando em contato com essa dissertação, mas como eu vou falar de minha poética pessoal eu preciso contar a minha história, como eu cheguei aqui, pois como escreve Leda Maria Martins: a pessoa é a materialidade do que prevalece na temporalidade agora, habitada de passado, de presente e de um provável futuro, um em ser e um sistema no qual incide a ontologia ancestral. Antes disso preciso dizer que eu entendo o termo, o conceito de poética segundo diz Paul Valéry.

Durante a aula inaugural do curso de poética no Collège de France em 10 de dezembro de 1937, Paul Valéry propôs uma noção de poética distinta daquela encontrada em Aristóteles, ela costumava ser compreendida, por exemplo, como um conjunto de preceitos de como realizar uma boa obra de arte, como um tipo de Manual. Mas Valéry partiu do radical grego poiein, buscando uma ciência do fazer da obra de arte, associada à presença de critérios para o fazer artístico. A partir do estabelecimento desta área na academia, a poética se caracterizou como o território da criação e da instauração que se dá no decorrer do fazer da obra, estabelecendo uma diferença com a estética, tida como o território da fruição, da análise e da crítica ao trabalho feito. A poética é, portanto, a área de conhecimento que se dedica ao pensamento do fazer da obra de arte a partir do ponto de vista e

da experiência prática de seu autor. Por isso se torna pertinente trazer a minha história, para ajudar a entender as escolhas e motivações que me levaram a realizar o meu trabalho.

Uma coisa que eu me dei conta nesses meus anos de teatro e grafite é que a primeira coisa que eu tento fazer é identificar como esse processo precisa ser encarado para mim e para você que me assiste. Aqui trago um trecho de Adriane Hernandez no texto *Prolongamentos de uma tese incerta: Coloco-me, junto com Roland Barthes, do lado do não-método, expor aquilo que vai se encontrando pouco a pouco: “enquanto a coisa está se fazendo não se compreende aonde vai dar”*. Ou talvez do pré-método, uma preparação para o método que não termina nunca, preparar materiais infinitamente. Eu tenho dificuldade de escrever e, também, há dois anos eu fui diagnosticado com Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade. Para mim é muito difícil manter a atenção, então eu acho que as minhas ideias vão ser melhor transmitidas falando e mostrando imagens. Eu saí andando pela rua gravando essas palavras, gravando alguns vídeos, tirando fotos e depois eu usei recursos tecnológicos para transcrever o áudio, reescrever e mostrar para o meu orientador o que eu disse e depois eu gravo de novo editando o vídeo a partir do que foi dito. Essa é a forma que eu tô achando mais saudável e confortável para estruturar essa dissertação.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

No momento a pesquisa passou pela qualificação e pretende continuar seu processo de levantamento de imagens e ideias indo na direção da improvisação com os materiais levantados e os objetos criados.

4. CONCLUSÕES

Como a pesquisa ainda está em andamento não tenho conclusão, assim como não espero ter ao final. A pesquisa procura levantar ideias de como se dá um processo de criação a partir do fazer material.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRUCE Nauman. In: **VIDEO Data Bank**. Disponível em: <<http://www.vdb.org/artists/bruce-nauman>>. Acesso em: 18 ago. 2020.

GOLDBERG, Roselee. **A Arte da Performance**. Ed. Orfeu Negro: Lisboa, 2007.

KRAUSS, Rosalind E. **Caminhos da escultura moderna**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

LICHT, Alan. **Sound art**. New York: Rizzoli International, 2007.

MACHADO, João Carlos. **Princípios gerais da transoperatividade**. Anais ABRACE V.17, n. 1, [S. l.], ano 2016, n. 1, p. 4151-4171, 15 nov. 2016. DOI 2176-9516. Disponível em: <https://www.publionline.iar.unicamp.br/index.php/abrace/article/view/4635>. Acesso em: 8 jun. 2022

MACHADO, João Carlos. ***Do ritimifiqueitor ao remiquistifiqueitor: trânsitos entre a materialidade e a imaterialidade***. Orientador: Professor Doutor Eduardo Vieira da Cunha. 2012. 1 f. Tese (Doutoramento) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul Instituto de Artes Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais, Porto Alegre, 2012. Disponível em: <<https://lume.ufrgs.br/handle/10183/70263>>. Acesso em: 8 jul. 2021.

NENFLIDIO, Paulo. ***Monjolofofe***. In: YOUTUBE. 16 dez. 2010 (6 min 12 seg). Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=jMUHyK_e2mw>. Acesso em: 18 ago. 2020.

PAIK, Nam June. ***Poslúdio para a Exposição de Televisão Experimental***, março de 1963 na Galeria Parnass. In: O que é Fluxus? O que não é! O porquê. Rio de Janeiro: Centro Cultural Banco do Brasil, 2002. p. 97-102.

SCARASSATTI, Marco Antonio Farias. ***Emblemas sonoros, emblemas da memória***. 2008. 180p. Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação, Campinas, SP. Disponível em: <<http://www.repositorio.unicamp.br/handle/REPOSIP/251841>>. Acesso em: 11 ago. 2020.

VALÉRY, Paul. ***Variedades***. [S. l.]: Iluminuras, 2020. 248 p. ISBN B087V7GRK1. *E-book*